

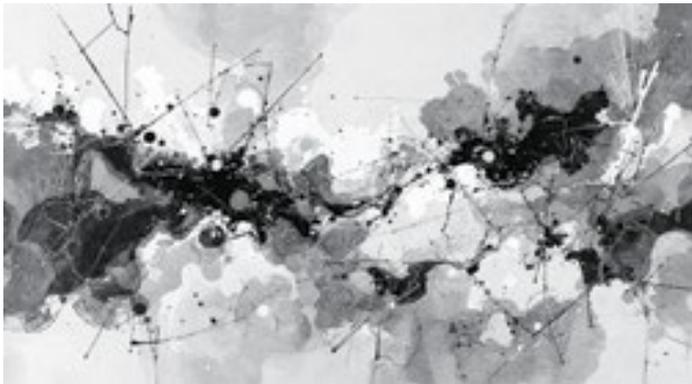
LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES

Guerra civil ou guerra interna

O senhor Senso Comum, proprietário da opinião individual, dissemina a ideia de que guerra civil é o confronto direto entre identidades opostas: de um lado, o Bem; e, de outro, o Mal. Mas não há esse didatismo político, se fosse tão fácil assim, a filosofia política não escreveria livros que vão muito além da superficialidade dualista fake ou fato.

Imagem gerada com a IA Flux Kontext



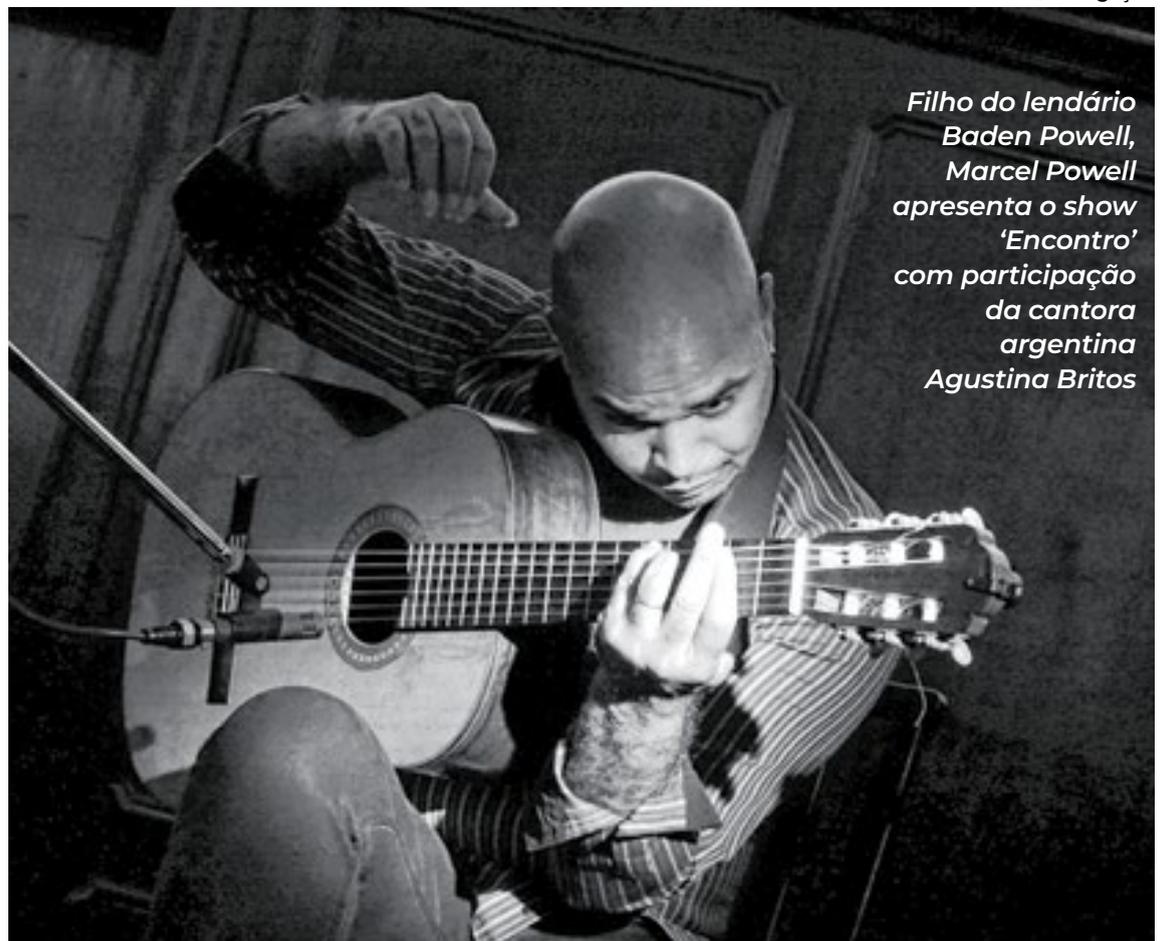
A história nos mostra que o extremo sempre mentiu, que dizer, sempre fez da palavra ato teatral e, como toda mentira, o extremo inverte: “o-que-é-não-é” e “o-que-não-é-é”. O extremo joga com os contrários, o que significa dizer que, ao afirmar sua identidade nacional, a extrema direita inventa a não-identidade, quer dizer, ela inventa o inimigo; ou, ao afirmar sua identidade patriótica, a extrema direita destrói a nação, pois, não admitindo nada diferente de sua identidade, ela é a única a representar a identidade do país.

A guerra civil, portanto, é a excelência do paradoxo político e, quando escrevo paradoxo, digo que “o ser” escapa à sociedade, fazendo com que, ao mesmo tempo, a coisa “seja-e-não-seja”. Assim, sem saber mais “o-que-é”, confusões se alastram na sociedade e, onde impera ausência do “ser”, a violência, com toda sua força bruta, ergue-se para impor sua vontade, consequência do ato teatral da palavra.

O conceito marxista de luta de classes é insuficiente para compreender a guerra civil acima do dualismo bom e mau, preto e branco, dentro e fora, capital e trabalho. Reduzem a guerra civil ou a guerra interna à clássica guerra externa como confronto direto. A guerra interna pode até levar ao conflito direto entre opostos, mas pertence à guerra interna uma natureza mais elaborada e constante que não pertence à guerra externa.

Qual natureza? A de conservar a memória, isto é, a de nunca se esquecer do inimigo interno, pois, tendo-o como memória, a extrema direita conserva em seu opositor o ressentimento político, e um tipo de esquerda no Brasil, ao preservar sua identidade, sempre traz com ela a memória de seu opositor. Por causa desse jogo, desse paradoxo, a presença da extrema direita é a presença da esquerda; e a presença da esquerda, a da extrema direita. Uma ruma a outra; porém, por se tratar de paradoxo, a mentira confunde “quem-é-quem”, confunde o “ser”.

Na história, quem sempre deu as cartas e ampliou o jogo do ressentimento político foi a extrema direita. É preciso perder a memória – agora compreendo Nietzsche.



Filho do lendário Baden Powell, Marcel Powell apresenta o show ‘Encontro’ com participação da cantora argentina Agustina Britos

Um virtuose do violão em dois atos

Marcel Powell celebra três décadas de carreira em show intimista no Blue Note Rio

Por Affonso Nunes

Três décadas de uma trajetória musical que transita entre a música erudita, o choro, o jazz, a bossa nova e a MPB convergem no palco do Blue Note Rio, nesta quarta-feira (13), quando Marcel Powell apresenta “Encontro”, espetáculo em que este mestre do violão brasileiro leva ao público um recital que sintetiza sua experiência artística e pessoal.

Herdeiro direto da escola violonística criada por seu pai, Baden Powell (1937-2000), Marcel desenvolveu uma sonoridade

pessoal que preserva a elegância e o refinamento da tradição, ao mesmo tempo em que incorpora sua própria linguagem musical própria. O espetáculo se estrutura em dois momentos distintos: inicialmente, o artista se apresenta em formato solo, revisitando clássicos da música brasileira como “Samba do Avião”, de Tom Jobim, “Consolação”, parceria de Baden Powell com Vinícius de Moraes, “Travessia”, de Milton Nascimento e Fernando Brant, e “Dia Branco”, de Geraldo Azevedo e Renato Rocha. O repertório inclui ainda composições autorais como “Sempre Alegre”, inspirada em sua espo-

sa, e “Pro Tião”, parceria com Gilson Peranzetta em homenagem ao violonista paraense Sebastião Tapajós.

A segunda parte do show é o momento em que o violonista recebe a cantora argentina Agustina Britos. Juntos, eles exploram as conexões sonoras e afetivas entre o Brasil e os países hispano-americanos com um repertório que inclui “Corazón Partío”, de Alejandro Sanz; “El Día Que Me Quieras”, de Carlos Gardel; “Dunas”, de Rosa Passos; e “Manhã de Carnaval”, clássico de Luiz Bonfá e Antonio Maria.

Marcel explica que a proposta deste espetáculo é valorizar a essência acústica e poética das músicas selecionadas. “Cada canção se transforma numa ponte que revela as afinidades culturais e a riqueza que envolve a diversidade desse encontro”, destaca.

SERVIÇO

MARCEL POWELL - ENCONTRO

Blue Note Rio (Avenida Atlântica, 1910, Copacabana) 13/8, às 20h

Ingressos a partir de R\$ 60